

A Memória Social de um Lugar e seus Conflitos¹

Edmilson Borges da Silva*

Introdução

Serra das Araras: Distrito pequeno contando 1500 habitantes, segundo o Senhor JR 44 anos, autoridade política e administrativa, na região é 6 mil, somando as comunidades rurais no entorno. Lugar extenso considerando seu território; lugar longo, pois “vem de tempos”; lugar fixo se se considerar a moradia do Santo que não quis mudar de lugar segundo a narrativa local; lugar de tempos antigos considerando os seus idosos; lugar em que, nos períodos secos, a rodagem parece indicar que o horizonte é tão longe que o espaço parece tremer sem mover-se no tempo; na chuva, que às vezes demora chegar, o lugar é de uma esperança na imensidão verde, é lugar animador nos encontros entre os seres humanos que prometem a eternidade enquanto durar o encontro.

Serra das Araras: lugar de centro, suas veias correm para as veredas, os ribeirões, os chapadões, os morros, o longe e o perto; lugar que o vento sussurra a violência que não teve canto, violência que ficou presa nas dores, nas gargantas, ao serem balbuciadas é que já passou, mas insiste em não ser esquecida. A violência sofrida de uns é o leito sossegado de outros, a violência registrada por gerações é reconhecida como revoltosos. Antônio Dó – o cangaceiro destas paragens – para uns, justiceiro; para outros, bandido, arrogante, criminoso; para tantos, era a possibilidade de que a justiça seria feita, a paz campeada a cavalos chegava aos rincões; para os de hoje histórias de horrores e histórias de fatos, piadas; no limite, uma comunhão com os viventes do sertão.

No lugar que o progresso chega, mesmo que o dialeto local ainda seja pronunciado. A “nóia” (drogas) campeia parte de sua juventude, outrora o banzo era etílico; lugar de mercado único – então, o preço é maior – pois, o asfalto não chegou, o calçamento de algumas ruas sim. Lugar de homens bravos – às vezes, muito barulho, outras, é melhor não cutucar; lugar de gente de olhos que fogem à supremacia do castanho, de moças belas, de pele morena, de gente que trabalha no sol escaldante, que planta no brejo, na areia, gente para quem a “lida” não lhe é estranha, é condição.

¹ Este é parte de uma dissertação apresentada no programa de sociologia da UFG em Março de 2016.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, bolsista CAPES. Email: edborgesdasilva@gmail.com

Essa síntese é *sui generis*, é de uma particularidade embebida da regionalidade contida na nacionalidade e na universalidade por herança, por construção e intromissão, síntese do secular estrangeiro que continua a adentrar o espaço e alterar a fisionomia do espaço, qualificar desqualificando o já estabelecido para se estabelecer. Essa síntese que construiu uma tradição por necessidade de sobreviver tem sua secularidade ameaçada por ilusões e mentiras que continuam a ser contadas, inventadas para que o estabelecido mova-se com maior pressa.

A memória social é analisada como um passado que tem seu sentido construído no presente, a consciência sobre o passado na consciência presente dos que vivem a atualidade (VIANA, 2006), ou a memória dos explorados como uma possibilidade permanente de justiça face às espoliações, reconhecendo suas derrotas e suas resistências, ou seja, reconhecer a intersecção do passado com o presente em função das lutas por um futuro emancipador (BENJAMIN, 2012). Faz-se necessário reconhecer, para fins deste estudo, o passado que vive na tradição das comunidades de Serra das Araras, suas lutas por sobrevivência, suas lutas pela terra, sua religiosidade, sua arte com músicas e danças, suas derrotas e suas resistências movendo-se no sertão, na transição do cerrado para a caatinga.

Uma comunidade estendida que, em primeiro plano move-se no interior da Província da Colônia; já na República, move-se no interior; em ambas, no sertão. Com o advento do aprofundamento da modernidade no Brasil, os sertanejos, em algumas comunidades, tornam-se calungas, comunidade quilombola; para outros geraizeiro, vazanteiros; pós-literatura de Guimarães Rosa, a gente do sertão e suas terras foram nomeadas de grande sertão veredas, mais recentemente é lugar de colonização para gaúchos que chegaram na “frente pioneira”, anterior e simultaneamente cerrado, para desmate e “reflorestamento” de pinho e eucalipto à disposição de carvoarias, na literatura de especialista BAGOMINAS², marco da trijunção,

É verdade que essa região do Marco Trijunção ou BAGOMINAS era o centro viário do mundo colonial quando o Brasil vivia sob o domínio português. Todo o ouro extraído das minas de Goiás, Mato Grosso e Vale do São Francisco (em cidades como Jacobina-BA e Paracatu-MG) foi transportado em tropas e carros de boi, que usavam os diferentes caminhos que cruzavam o Vale do Rio Urucuia, região estratégica na época da colonização... (MENDES, 2013, p. 20).

² O historiador, poeta e militante cultural Xiko Mendes, nascido em Formoso – MG, denomina assim a região de fronteira entre Bahia, Goiás e Minas Gerais – BAGOMINAS. Autodenomina-se urucuiano-geralista baiagoneiro (MENDES, 2013).

Lugar de história, de beleza e de esquecimento; lugar de medo com e sem justa causa; lugar de vizinhança escondida por precisão,

Loucura duma? Para quê? Eu não acreditei. Eu sabia que estávamos entortando era para a Serra das Araras – revinhar aquelas corujeiras nos bravios de ali além, aonde tudo quanto era bandido em folga se escondia – lá se podia azo de combinar mais outros variáveis companheiros (ROSA, 2001, p. 50).

Lugar de roça, distante da confusão, perto do paraíso, às vezes, ou, muitas vezes, vizinho do inferno, “Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe – mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?” (ROSA, 2001, p. 359). É assim, na dubiedade da vida, na tensão e na contradição e na assumência de que um carrega o outro, o negado e o renegado, o bendito e o maldito, o querido e o nem tanto, que o sertanejo se formou, se forma e vai resistindo ao desaparecimento. Essa memória social tem pasto, brejo, vereda, tem povoados, vilas, cidades, numa tensão, tem campo e cidade.

Romantismo, saudosismo, passado reconstruído que nunca existira, portanto, uma criação artística da imaginação movida por um dilaceramento que as crises causavam na conformação da personalidade, estas podem ser as razões que movem um discurso, uma visão, um sonho, enfim, uma mentalidade que confronta tradição e modernidade, campo e cidade no plano mental sem impedir os avanços da economia moderna sobre tudo e todos.

Primeiras palavras

A teoria sobre memória social é central para entender a memória, sobretudo, a memória dos pobres, na análise aqui efetuada, a memória de comunidades com fortes heranças da tradição camponesa. Não sendo apenas os explorados que possuem memória, efetivamente, em várias situações, é na memória sistematizada dos vencedores que se encontram subjugados os registros reveladores da memória submetida, sendo esta uma primeira entrada analítica.

Uma segunda análise é possível por meio do modo de vida das comunidades atuais que vivem da produção de subsistência e com crescente entrada no mercado capitalista, para efetivar vendas do excedente ou orientar a pequena produção para abastecer as cidades.

Uma terceira vertente para analisar a memória social das comunidades rurais, aqui, as localizadas no Distrito de Serra das Araras, são suas tradições religiosas, culturais e suas convivências familiares e de vizinhanças.

Para entender essa memória social, que é dinâmica em seus processos e frágil nas relações com o modo de produção capitalista, o qual se aproxima de forma agressiva, modificando a propriedade no seu *status* jurídico, no tamanho e na produção e conseqüentemente, questionando as relações com base na solidariedade de vizinhança e promovendo a competição, a especulação e o interesse acumulativo.

Para entender esse processo, o debate sobre a modernidade, suas variações e seus processos de instalação como modo de produção capitalista. Modernidade e capitalismo entendidos como sinônimos na discussão, por isso, uma quarta variável é condição para entender a memória social das comunidades em Serra das Araras, ou seja, a relação entre modernidade e tradição.

Uma longa construção social do campo é analisada, construção essa marcada por ilusões, perdas imaginadas por alguns que nunca perderam nada, pois os trabalhadores, os camponeses, esses perderam e foram explorados em todas as circunstâncias. Não são esses os que registraram as perdas da inocência, de uma vida simples, pacata e cheia de virtudes no campo, diante disso Williams ensina que, “Do mesmo modo, porém, não podemos dizer que o ideal de inocência bucólica ou o da cidade como agente civilizador, que surgem em tantas épocas e sob tantas formas, representem meras ilusões, sendo suficiente denunciá-las ou negá-las” (2000, p. 388). Segue o autor alertando que, por mais que seja importante a denúncia ou a negação, elas não são o suficiente, é preciso ver como essas ideias se corporificam, suas associações, suas contradições, tensões, o que escondem e o que revelam (2000). Nelas estão muito do conteúdo histórico e fornecem os argumentos de manutenção e desenvolvimento do modo de vida existente.

Os desejos invocados em imagens, ou sociedades sepultas, escondem o querer de prevalências que estão em ruínas e por vezes preservadas em fragmentos. Nos processos de mudanças, as confusões se instalam e os que querem conservar privilégios têm o que dizer sobre o paraíso perdido, em contraste com a nova ordem ainda em construção e, por isso, cheia de problemas que podem ou não se resolver, mas cheia de novidades para uns e violência para outros. Para alguns, adaptações dos privilégios; para outros, possibilidades de por fim à história de sofrimentos. Neste lugar de definições e indefinições, a crise de valores

faz com que o reclamado como perdido possa ser o que se tinha de mais hediondo para outros,

O que encontramos, não obstante, é uma idealização dos valores feudais e imediatamente pós-feudais, de uma ordem baseada em relações socioeconômicas estáveis e recíprocas, de caráter assumidamente totalizante. Portanto, é importante o fato de os poemas coincidirem, no tempo, com um período no qual uma outra ordem – a da agricultura capitalista – estava sendo inaugurada com sucesso. Pois por trás dessa coincidência há um conflito de valores que ainda é crucial. Estas celebrações de uma ordem feudal ou aristocrática (WILLIAMS, 2000, p. 56).

A segurança é encontrada onde? No futuro? Ao contrário, o futuro é lugar do incerto, já que o presente é lugar de incertezas e a nova ordem é de instalação do caos. Então a segurança está naquilo que já foi experimentado, no passado. No passado dos que o reclamam? Sim, no passado dos que se assumem herdeiros deste e se dispõem a construir um passado que não existiu. Na busca de um porto seguro, elaboram sua poesia num modelo que pretensamente existiu, seja nas narrativas invocadas, seja nas histórias contadas, o cenário imaginado tem a natureza virgem como paisagem primordial.

O certo é que o camponês³, outrora sob o jugo da nobreza e depois da burguesia, como parte significativa dessa humanidade, não foi instruído a escrever seus sonhos, seus pesadelos. Estes foram escritos pela pena de seus senhores. Porém, não é difícil imaginar que o camponês acalentou por séculos na sua criatividade contida os sonhos por uma terra em que corre leite e mel, mesmo sendo informado que ela só existiria após sua morte.

A ocupação do espaço e suas consequências

O lugar é a medida de um sonho, de uma aventura e de um pesadelo, sobretudo, o lugar é um espaço até a chegada de alguém, na sequência será um espaço social construído segundo a necessidade do chegante. Muitas vezes, este espaço já era o espaço social de outros que serão desalojados, mas o certo é que o lugar está para os que o ocupam segundo suas necessidades,

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico,

³ Quando se fala de camponês no Brasil, refere-se a uma produção não capitalista a esta subordinada. O camponês é um produtor familiar caracterizado pela produção de subsistência e secundariamente produz o excedente comercializável em condições desiguais no mercado capitalista.

requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio. As soluções, por sua vez, dependem da quantidade e qualidade das necessidades a serem satisfeitas. São estas, portanto, o verdadeiro ponto de partida, todas as vezes que o sociólogo aborda o problema das relações do grupo com o meio físico, (CANDIDO, 1975. p. 23).

Os meios de subsistência de um grupo não podem ser vistos separados de sua franca relação com estes, produzindo, assim, formas culturais de se estabelecer, pois suas necessidades primárias, sobretudo, alimentação, podem cessar a vida se sua falta for algo prolongado. Por isso, há uma relação direta entre a organização social e a produção da satisfação de suas necessidades (CANDIDO, 1975, 28).

No Brasil, um território que não era assim nomeado, habitava vários povos, sujeitados, humilhados, escravizados e exterminados pelo colonizador. Os que resistiram adentraram o território sendo obrigados a produzir novas adaptações (MARTINS, 1997, p. 170) para garantirem sua sobrevivência, transformando-se do que eram para o que foi possível em longas travessias.

No Brasil, a primeira forma de propriedade privada surgiu através das sesmarias – concessões de ocupação territorial dadas pela corte – a posse era o recurso diante de muitas terras devolutas. Os sesmeiros compravam a roça do ocupante e incorporavam ou expulsavam os posseiros (MARTINS, 1986), essa expulsão, em muitos casos, foi provocando uma interiorização. A mudança no regime de ocupação da terra veio com o fim do tráfico de negros e a preparação da entrada de trabalhadores livres vindos da Europa, portanto, a ocupação da terra precisava se dar, agora, por meio da compra, assim, evitava-se que os trabalhadores imigrantes europeus ocupassem as abundantes terras livres no Brasil (MARTINS, 1986; 1997).

Esses processos revelam que a formação de uma burguesia, como classe dominante, determinando a evolução e consolidação do capitalismo se dá primeiro por meio da mercantilização e do desenvolvimento subsequente da industrialização nas cidades, organizando-as para fluir o comércio e concentrar mão de obra. Uma vez consolidado na Inglaterra, essa prática foi posta à disposição do capitalismo em expansão nos diversos continentes. Por isso, o Brasil agrário soube incorporar a propriedade da terra para evitar sua ocupação. Quando o trabalho escravo deixou de ser lucrativo, dadas as exigências de mercado no plano internacional e o encarecimento desta mão-de-obra no primeiro momento, quando proibido o tráfico de negros para o Brasil em 1850 (MARTINS, 1986).

A concentração de terras nos avanços do capitalismo inglês é um processo do século XVIII ao XIX, chegando neste último com a importância da revolução industrial tendo a agricultura uma parcela menor em sua economia (WILLIAMS, 2000), no Brasil a concentração de terras é um processo longo dado nos séculos XIX e XX, tendo até os dias atuais a agricultura uma importância na economia capitalista nacional (CANDIDO, 1975; MARTINS, 1997).

A modernidade é intolerante com qualquer entrave diante de seus intentos, sua ventura esbaforida por lucro não admite outro tipo de riqueza que poderia ser denominada de diversidade, seja de biomas, sementes, povos, culturas, etc. por isso,

A modernidade, pelo menos a que agora se expande por todos os cantos da terra, raramente tolera outra tradição que não seja a sua, e, conseqüentemente, as formas modernas de uso dos recursos geralmente oprimem toda forma tradicional de manejo da natureza, incluindo os conhecimentos utilizados. Trata-se de um conflito modal entre as formas agroindustriais e as formas tradicionais de produção (TOLEDO, BARREIRA-BASSOLS, 2015, p. 34).

Foram os processos de adaptação, aprendizagem na adaptação que favoreceram o *Homo Sapiens* acumular informações e desenvolver uma memória que o ajudou a espalhar por diferentes territórios, essa capacidade de aproveitar a interação com o meio natural vem sendo negligenciada, melhor, atacada pelos processos que os tempos modernos aventam.

Na verdade a manipulação genética como um conhecimento especializado, bem como, os processos tecnológicos de ponta, são informações guardadas por interesses macro econômicos escondidos por detrás do direito autoral, direito intelectual, enfim, o direito a patentes traduz todo o segredo da informação, sua especulação e os grandes roubos mascarados por essa rubrica.

Todo conhecimento outrora produzido por comunidades tradicionais vem sendo usurpado e tornado, boa parte deles, peça de disputa nos mecanismos de ordenação jurídica do comércio internacional.

Essa amnésia vivida por muitos e tratada por poucos de forma intencional com fins acumulativos de riquezas é produto de uma vertiginosa mudança nos processos produtivos, técnicos, tecnológicos, cognitivos, sociais, culturais provocando uma incapacidade de lembrar processos históricos e recentes,

Essa deficiência está relacionada a uma ilusão alimentada por uma espécie de ideologia do progresso, do desenvolvimento e da modernização que não tolera nenhuma forma pré-moderna (e, em sentido estrito, pré-industrial), que é automaticamente qualificada como arcaica, obsoleta, primitiva e inútil (TOLEDO, BARREIRA-BASSOLS, 2015, p. 28).

Abrir mão de reconhecer o passado como uma fonte de diversidade ainda presente em muitas comunidades tradicionais nos diversos continentes é uma necessidade da modernidade autossuficiente, autocentrada, autocontida que coloca sua pressa em mapear, para atropelar e extrair qualquer conhecimento que seus mecanismos atuais possam acentuar e patentear, assim, avoluma a riqueza de diversas multinacionais no campo da alimentação, saúde, estética, etc. enquanto avolumam a miséria, o esquecimento e o enquadramento de diversas comunidades tradicionais.

A humanidade tem 99,9% do seu genoma idêntico (TOLEDO, BARREIRA-BASSOLS, 2015, p. 32), por aí vemos a semelhança, no entanto, a interpretação dessa pequena fração torna a grandeza da diversidade humana expressa em cada indivíduo, uma singularidade. O Estudo de diversos grupos por meio de seu genoma seria capaz de apresentar um bom estudo do passado, como não é objeto desse estudo, aqui é apenas para mostrar como o que hoje denominado de arcaico é um celeiro de diversidade produzido na inter-relação entre ser humano e a natureza.

Embora os autores estejam marcados por uma reflexão evolucionista, portanto, marcados por uma leitura biológica e genética, suas informações ajudam a perceber a diversidade sociopsíquica e cultural que marcam os povos, línguas, costumes, sementes, numa palavra, diversas tradições, que a ameaça se efetiva por falta de estudos, de respeito e dos processos incontestes do avanço sobre territórios e a consequente urbanização de todos.

O estudo de Antônio Candido, empreendido de 1947 a 1954, colabora para a compreensão do fenômeno aqui estudado, ou seja, a memória em Serra das Araras e suas comunidades.

Citando viajantes como Spix, Martius e Saint-Hilaire, é possível ver que, desde os primeiros tempos da ocupação, os europeus lançavam preconceitos sobre os habitantes que vão perdurar até os dias atuais. Presunção, desconfiança, ódio, vingança, brutal, macambuzio e preguiçosos foi como os viajantes denotaram os caipiras. Saint-Hilaire conclui que a mistura de branco com índios é pior que do branco com o negro e, por isso, os caipiras de

São Paulo são desprovidos de civilidade em comparação com os mineiros (CANDIDO, 1975).

Candido cita um documento de 1797 que qualificava o povo de grosseiro, sem cultura nem civilidade, sendo raros os que sabiam ler e escrever (1975, p. 62). A esse caipira em deslocamento, baseado numa economia de subsistência, coube sempre à alcunha de preguiçoso.

Todas essas mudanças afetam esse ajuste entre o humano e o natural, o cultural e a natureza, isso era na cultura caipira uma relação de continuidade, do meio natural vivia o caipira com suas caça, pesca, coleta, plantio, conhecimento mítico e medicinal. O comércio, o descrédito das relações vicinais, novos regimes de trabalho submeteram uns e a outros legaram a miséria (CANDIDO, 1975).

O abalo psíquico se dá entre a perda de seu cabedal cultural e a assimilação da técnica industrial, urbana. Perde-se uma e ganha outra que exige menor tempo de produção. Algumas tecnologias liberam o ser humano do esforço doméstico, mas são acessadas somente mediante o pagamento. Alguns produtos não serão mais fabricados, sendo desprezados em troca dos produtos industrializados. Um esquecimento vai sendo montado sobre vários aspectos do modo de vida.

Isto leva a algumas situações, o passado torna-se um tempo antigo, cultuado, o tempo em que era bom, um tempo de fartura, em que se trabalhava um tanto e outro passava caçando, tinha-se muita terra, era tempo da posse, contavam-se muitas histórias, havia respeito das famílias, filhos obedeciam aos pais, era tempo dos padres santos que faziam seus serviços de graça ou cobravam muito pouco; os padres passaram a cobrar caro, os caipiras são expulsos da terra ou enganados na venda. Estuda-se muito, mas o passado não volta, o velho não torna jovem e as terras não possuem a força de outrora (CANDIDO, 1975).

O catolicismo praticado pelos caipiras tem as mesmas matrizes da religião praticada pelos sertanejos. Tendo o sertanejo, neste caso – os de Serra das Araras e suas comunidades – adentrado o sertão por fuga do cativeiro, subido e descendo o rio ou vindo do litoral nas bandeiras, podem ser essas suas origens. No sertão, se associaram aos “bugres” (índios) na luta por sobrevivência. Serra das Araras está numa região que já pertenceu ao Bispado de Olinda em Pernambuco: “Em 1676, criavam-se mais duas dioceses: o Bispado do Rio de Janeiro e o de Pernambuco, com sede em Olinda. Somente em 1745 é que Minas Gerais ganhou sua diocese: o Bispado de Mariana!” (MENDES, 2002, p. 557).

A religião professada pelos sertanejos chegou com os colonos portugueses que já na origem diferenciava-se do catolicismo oficial, a tradição dos colonizadores se espalhou, tanto quanto os próprios, no território. Dobroruka (1997) afirma que o catolicismo do sertanejo tem origem dupla, sendo o dos colonos e o oficial, acrescentando ele que houve contribuições sincréticas dos negros e em menor grau dos índios. Esse culto, já desviante na origem, é acrescido aqui de outros problemas de ordem social e religiosa,

O culto católico no meio rural pode, por vezes, afastar-se muito do calendário e das prescrições da Igreja. Isto é tanto mais reforçado pelo baixo índice de alfabetização nas áreas rurais, que, somando à ausência de sacerdotes, faz com que o catolicismo daquelas áreas seja transmitido apenas oralmente de geração em geração (DOBRORUKA, 1997, p. 53).

As ladainhas com um tom de grego e latim, permeadas de benditos, o culto aos santos, a fé em que Deus faz chover e castiga na seca, produziram os cânticos, os rituais, sofrimentos na paga da promessa, a despedida dos mortos propiciou o canto das carpideiras, o sofrimento de Jesus foi assimilado como seu na semana santa, o agradecimento é rezado em volta da mesa, cantando e rezando para celebrar a fartura e a acolhida. As rezas, a devoção, foram incorporadas a um conjunto de batuques, danças de roda, instrumentos e toques dos mais variados, bebidas e comidas para celebrar a fé e os laços de cooperação, de vizinhança e corresponsabilidade. O isolamento não os afastou das ligações entre o sagrado e o profano, pelo contrário, criou uma fé, por vez dura nas limitações morais, e, por vez festiva no compromisso das promessas com os santos, sempre uma fé que os ligava entre si e com a esperança depositada na redenção final.

Os usos e abusos desta fé que se reivindica sincera e honesta nunca deixaram de existir, seja pelos acusadores de falsa fé, credice, fé de ignorantes; seja pelos usurpadores da “inocência”, por vezes, manifestação da expressão religiosa do sertanejo.

O certo é que na memória do sertanejo, um fio extenso de uma religiosidade diversa o traz ao presente com ares de um passado já condenado pela modernidade como ultrapassado. A violência na qual foi submetido nos sertões, num primeiro momento jogado para enfrentar os nativos, num segundo plano violentado na condição humana e tratado como escravo, treinado em duras condições de sobrevivência, legou às gerações futuras sua desconfiança, seu silêncio, a contraviolência, os escapes das pressões sociais e sua variedade de formas de existir na subsistência. O sertanejo tem uma memória marcada por sua

religiosidade, por sua ligação visceral com o bioma onde vive; tem uma memória herdada da violência de seus antepassados e a memória da violência no presente vivido.

Numa ampla discussão sobre frente de expansão e frente pioneira, José de Souza Martins verifica diferenças, contradições, as determinações de cada uma para camponeses, índios e colonos, todos com relação entre si ou com o fazendeiro, o latifúndio e as empresas capitalistas. A frente de expansão coloca povos indígenas inimigos em relação, forçando uma readaptação ao meio e aos antigos inimigos. Em fuga, perdem não só vidas, mas bens culturais e o acúmulo de sementes cultivadas. Para os camponeses, essas frentes trazem conflitos de convivência, expropriam suas posses e por vezes o colocam em deslocamentos (MARTINS 1997).

Se na frente de expansão sobressai o encontro dos diferentes seres humanos, sobressai à questão econômica na frente pioneira, o certo é que ambas colocam povos, com distintos tempos históricos e vivendo no presente, em encontro,

Se na frente pioneira a racionalidade econômica e a constituição formal e institucional das mediações políticas estão visivelmente presentes em todos os lugares e momentos, já na frente de expansão é notório o predomínio dos valores sociais, das crenças, do imaginário na formação, definição e sustentação dos vínculos sociais (MARTINS 1997, p. 193).

Vivem no capitalismo, no tempo da burguesia e do proletariado, povos com tempos distintos e projetos históricos também. Não é que tudo esteja destinado ao resumo do que deseja a burguesia (MARTINS, 1997). A distinção das fronteiras e suas implicações recíprocas devem ser vistas juntas para que o fenômeno seja captado e compreendido de forma que o encontro de diferentes condições humana seja analisado. Esses encontros de diferentes concepções humanas vêm terminando em assimilação ou destruição da alteridade. Embora não sem resistência.

Na região de Serra das Araras, essas frentes situadas em tempos diversos promoveram um encontro nos anos de 1970 que até os dias atuais tem rendido desencontros para a vida dos sertanejos, portanto, afetando sua memória social de forma radical, às vezes com resistência, outras vezes saudando o chegante.

“Eloy – Morre uma voz, nasce um grito” é um relato de entrevistas, cartaz, depoimentos, dados que demonstram não só, mas também, a região de Serra das Araras, neste tempo pertencendo ao município de São Francisco, com muitas concordâncias com as análises feitas por José de Souza Martins e Antônio Candido sobre a ocupação da terra, o

trabalho e as mudanças nas tradições do posseiro. Na ocupação da terra por posseiros faz-se pequena derrubada para o plantio de subsistência, em seguida chega a grande “firma” e derruba grandes proporções e usa o aparato estatal para intimidar, multando os posseiros. A “firma” força a compra da posse, diante da negativa usa vários expedientes para intimidar o posseiro. Ela chega para apropriar-se de vasta extensão de terras, em muitos casos, tornando-se latifúndios improdutivos. A expansão capitalista é precedida e simultânea pela grilagem e a cumplicidade de vários órgãos do Estado, ocorrendo a existência de um tipo de fazendeiro atrasado e a chegada da empresa moderna, ou seja, as grandes empresas que, no Norte de Minas Gerais, chegaram para realizar reflorestamento. Isso na verdade, era a substituição do cerrado por pinho e eucalipto, o que causou concentração da terra, expulsão do posseiro e cercamento da terra impedindo a mobilidade na economia de subsistência do posseiro, limitando ao máximo sua propriedade e assassinando vários dentre eles (AMADO, ARAÚJO, CHAVES, 1985).

Na formação da memória social das comunidades de Serra das Araras, o trabalho anual nas roças e a religiosidade com um intenso calendário, com desdobramentos em toda a vida cotidiana, é algo profundamente enraizado. Nas últimas quatro a cinco décadas, outros fatores têm sido acrescidos nesta memória, na mudança, persistência, resistência e transformações desta. A frente pioneira em sua chegada altera o convívio e a paisagem, as empresas de reflorestamento com a especulação e grilagem de terras provocam deslocamentos via expulsão, ameaças e assassinato de posseiro e liderança, também, promovem empregos para alguns. As unidades de conservação provocam deslocamentos e possibilidades de diálogos tensos. Na última década, o turismo – ainda tímido – tem levado pesquisadores e turistas que introduzem toda uma parafernália tecnológica. ONGs e a prefeitura local organizam encontros marcados pela tradição e pelo debate de “sustentabilidade”.

A fé em sentido teleológico é uma “graça”, foi inicialmente informada e em eventos esporádicos reforçada, o seu abandono nunca foi colocado, ao contrário, foram elaborados rituais com informações de várias épocas e oriundas de vários lugares. A autoridade religiosa não foi figura necessária nessa ritualidade. Em suma, a autoridade se faz na própria comunidade absorvendo ao longo do tempo, no processo de acompanhar desde muito novo, os passos dos mais velhos.

Portanto, o sertanejo misturou o batuque com o canto ao santo, a ladainha com as rodas cantadas e dançadas, os benditos com o agradecimento da mesa, os fogos com a saudação ao morador e cantou os seus entes sepultados no cemitério próximo da casa renovando a certeza que “o campo santo é destino de todos”. Misturou a aguardente com a canção que prenuncia os namoros inevitáveis durante o giro da folia⁴.

Em um livro institucional da Prefeitura de Chapada Gaúcha com o título “A saga dos Gaúchos no Sertão Mineiro” (2012), as entrevistas coletadas dos pioneiros que vivem na localidade são exaustivas em algumas informações, fornecem alguns dados da ocupação na região e analisam o impacto para estes, dos dias da chegada à atualidade.

Informa o livro que o primeiro gaúcho que chegou ao local, hoje sede do Município, foi em 24 de junho de 1976 (2012, p. 42). Em seguida, outros foram chegando ao lugar e todos os anos chegavam mais famílias vindas do sul, passando a chamar colônia do PADSA (Projeto de Desenvolvimento de Serra das Araras).

Essa tensão está posta em duas vertentes, em uma, nas palavras de alguns chegantes,⁵ “Apesar disso”, falam do sofrimento como colonos nos primeiros anos que chegaram: “foi bom porque a gente encontrou no povo daqui, no povo mineiro um tratamento bom demais” (2012, p. 47), houve o encontro de povos oriundos de frentes diferentes. Das 11 entrevistas relatadas no livro – *A saga dos Gaúchos no Sertão Norte Mineiro* – duas fazem referências positivas e afirmam que havia um povo quando estes chegaram.

Considerações finais

O passado aventado por Benjamin (LÖWY, 2014) não é esse passado de histórias contadas para “boi dormir”, é o passado que acumula derrotas herdadas pelo movimento vivo dos que fazem o “agora”. Nesta perspectiva, passado assumido e intenções emancipatórias de futuros se encontram para construir o rebento necessário à dignidade dos vencidos, a história é outra, portanto, está em construção, sendo pautada por uma esperança utópica. O horizonte almejado é visualizado, mas o caminho ainda é distante, a depender das lutas atuais os atalhos serão forjados.

⁴ Giro da Folia é o período que compreende os dias da saída à chegada, que pode somar até doze dias.

⁵ As entrevistas dos gaúchos aqui utilizadas foram retiradas do livro “A saga dos gaúchos no sertão norte mineiro” (2012) as entrevistas e informações dos sertanejos foram recolhidas pelo autor desta pesquisa ao longo de observações em 10 anos, sendo a maioria realizada em 2015.

A memória dos serranos está marcada pela violência dos coronéis e das empresas, pela justiça e injustiça do bandoleiro de outrora e da justiça do sindicalismo rural que ousou enfrentar a concentração de terras e defender os posseiros.

Assim, a memória social do sertanejo não é algo localizada, mortificada no passado e repetida no tempo. É uma memória contaminada no tempo e no espaço com as influências violentas sofridas seja pelo próprio ambiente ou por relações socioeconômicas e culturais forçadas ou de livre acordo.

É uma memória marcada pela construção do país com suas intensas contradições e heranças milenares num país secular. Com isso o estranho é assumido e nem sempre reconhecido é uma relação de sobrevivência em que viver é um regalo de datas marcadas no encontro festivo.

Referências bibliográficas

Prefeitura municipal de Chapada Gaúcha. *A saga dos gaúchos no sertão norte mineiro*. Chapada Gaúcha, 2012.

AMADO, Jô; ARAÚJO, Luiz; CHAVES, Luiz. *Eloy: morre uma voz, nasce um grito*. Belo Horizonte: Segrac, 1985.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CANDIDO, Antônio. *Parceiros do rio bonito*. São Paulo: Livraria duas cidades, 1975.

DOBROUSKA, Vicente. *Antônio Conselheiro: o beato endiabrado de canudos*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio, uma leitura das teses “sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARTINS, Jose de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, Jose de Souza. *O cativo da Terra*. São Paulo: Hucitec, 1986.

MENDES, Xiko. *Guia cultural e eco-turístico do entorno do parque nacional grande sertão veredas*. Revista Ba.GO.Minas da Unifam/Funarte-Ministério da Cultura, Ano I. nº 1, 2013.

MENDES, Xiko. *Formoso de Minas no final do século XX – 130 anos!*. Formoso: Prefeitura municipal de Formoso, 2002.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

VIANA, Nildo. *Memória e sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social*. Espaço Plural, Ano VI. n° 14, p. 08 – 10, 2006 — Versão eletrônica disponível na internet: www.unioeste.br/saber.

WILLIAMNS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.